

# **Documentário e suas narrativas: uma visão autoral da história da região Oeste Catarinense**

*Daniela Farina\**

## **Resumo**

As narrativas do mesmo fato ou história acontecem de diferentes formas. O enfoque vai depender do ângulo em que foi presenciado determinado acontecimento ou mesmo pelas ideologias e linhas de pensamento que é contada ou registrada a história. A mídia, e os produtos dela resultantes, têm participação ativa na disseminação das informações e são uma importante via de registro histórico. O presente trabalho tem o objetivo de analisar como o documentário “Desbravadores do Oeste”, veiculado pela RBS TV, verificou quais as narrativas escolhidas para falar sobre a colonização de Chapecó. A partir de então, busca-se saber quem são os “desbravadores do oeste” nesta visão autoral. Este artigo é resultado do Trabalho de Conclusão de Curso do curso de jornalismo da Unochapecó, orientado pela professora Adiles Savoldi.

**Palavras-chave:** documentário; etnia; oeste catarinense; narrativas; discurso.

## **Documentário Desbravadores do Oeste: O oeste catarinense em cena**

A história do documentário se confunde com a história do cinema. O próprio gênero se utiliza de muitas das técnicas e características do cinema, em especial a possibilidade da narração através da ficção durante o desenrolar dos fatos. De acordo com CUNHA (1980, p.27), o cinema documental teria nascido na Itália, após o período da II Guerra Mundial, quando o cinema mundial passava por uma turbulência ocasionada justamente devido ao conflito. Na época, os estúdios hollywoodianos utilizavam-se do fato histórico para realizar filmes de guerra. A Itália inaugura, na mesma época, uma escola chamada neo-realismo

Neste quadro, a contribuição mais importante surgiria na Itália, com uma escola denominada neo-realismo – onde o cinema documental se fundia à ficção, fincada na realidade. No período imediatamente pós-guerra, com a Itália em ruínas, poucos recursos técnicos e econômicos, os cineastas italianos passaram a retratar a situação de seu país. (CUNHA, 1980, p.27)

De um modo geral, o gênero documentário permite uma abordagem mais aprofundada do assunto a ser tratado e amplia a relevância dos fatos e da história à medida que dá voz a personagens reais e que por isso tem autoridade para falar sobre acontecimentos vivenciados. Através do gênero é possível dar visibilidade a vozes esquecidas e instigar a sociedade a refletir sobre assuntos que nem sempre são abordados pela mídia diária.

De acordo com BALOGH (2002, p.61), “Cada narrativa mostra um miniuniverso de valores que em geral refletem os valores da própria cultura em que ela se insere”. Neste contexto, além das narrativas, as imagens e os locais em que os personagens se encontram ao dar os depoimentos, também intensificam o caráter documental e autoral do documentário, os objetos, o cotidiano, a

paisagem, enfim, os menores detalhes dos locais em que os depoentes se encontram podem ajudar a contextualizar o tema abordado.

Estudiosos das relações entre cinema e literatura (Bluestone, Baldelli, Jost, Gaudreault e outros) são unânimes em apontar o caráter pressupostamente mais espacial do cinema, o espaço é diretamente filmado (nos filmes tradicionais) e filtrados pelos enquadramentos e angulações da câmera e se constitui num dado básico da montagem e, portanto, num elemento essencial a construção da sintaxe fílmica e do sentido. (BALOGH, 2002, p.89)

Aliando a imagem, o som e a linguagem, através do documentário é possível repassar idéias e concepções em relação aos diferentes assuntos sociais, principalmente devido ao seu caráter autoral que, embora emita opiniões, por ela ser explícita, pode ser questionada pelos telespectadores, permitindo discussões em relação ao tema abordado.

O documentário que será analisado neste trabalho foi veiculado pela Rede Brasil Sul - RBS TV de Santa Catarina, através do projeto Santa Catarina em Cena, com abrangência estadual e que começou a ser desenvolvido no ano de 2001. Por ser uma produção relativamente longa para uma produção regional, o documentário de 40 minutos foi apresentado em dois sábados, dividido em duas partes de 20 minutos.

A produção do áudio-visual foi terceirizada a uma produtora de Blumenau, que fez a pesquisa e dirigiu as gravações. O diretor chama-se Nilton Silva, e as produtoras foram Patrícia Petry, de Florianópolis e a jornalista da RBS – Chapecó, Lúcia Volcan, que também participou das filmagens como apresentadora.

O documentário procura contar a história da colonização do Oeste catarinense. Como o próprio título já diz, o vídeo procura evidenciar os “Desbravadores do Oeste”. Para realizá-lo, a produção utiliza recursos narrativos que misturam características dos gêneros documentário e grande reportagem.

A produção utiliza-se de ficção para relatar parte da história, a partir de interpretações teatrais no decorrer de todo o documentário. Para dar veracidade, proximidade e, acima de tudo, comprovar o que se está relatando pela ficção, narração, dos textos falados em passagens da apresentadora Lúcia Volcan, o vídeo recorre ao recurso da entrevista. As fontes são pessoas que viveram a história e relatam fatos de suas vidas. Este recurso humaniza o vídeo, já que dá voz a quem participou da construção da região, no caso, o Oeste Catarinense.

Para dar credibilidade às falas das pessoas referidas acima, o documentário ainda apresenta depoimentos de professores, em sua maioria da Universidade Comunitária Regional de Chapecó - Unochapecó, que relatam a história do Oeste a partir de estudos realizados por esses, em pesquisas acadêmicas. Além dos documentos e da pesquisa sobre a região, depuseram no documentário:

- Professores (todos credenciados pelo documentário como historiadores) - Alceu Werlag, Eli Bellani, José Luiz Zambiasi, Mônica Hass, Odilon Poli, Pedro Uczai.
- Pessoas que participaram da colonização do Oeste, representantes de grupos étnicos (alguns nomes aparecem sem descrição da profissão no vídeo)
- Idalino Fernandes - Cacique Toldo Ximbanguê,
- Miguel Pedro Schmidt,
- Maria Hirsch - Neta de Ernesto Bertaso,
- Maria Ceresoli Cella,
- Letícia Roman,
- João Carraro, Lúcia Schmidt,
- Jon Bennei Sobrinho,
- Ines Rotava,
- Seu Sebastião- balseiro,
- Ofrázio de Mello,
- Valdir Francisco de Nez - Presidente da Amoesc,
- Primo Roman,

- Miguel Pedro Schimidt,
- José Zeferino Pedrozo - Presidente da Cooper Central Aurora.

As narrativas destas pessoas, aliadas às narrativas inseridas nas imagens, nos sons, enfim, no documentário como um todo, mostram a região oeste de acordo com a visão autoral do documentarista, o que caracteriza, portanto, o documentário como um gênero autoral. Desta forma, é necessário que a população saiba que além das narrativas realizadas pelo vídeo “Desbravadores do Oeste”, outras podem dar outra versão para a história da colonização da região.

### **As fontes e seus relatos: a construção do documentário a partir da história oficial**

Sabe-se que a produção de documentários, geralmente, é baseada na elaboração de um pré-roteiro que norteia a filmagem, para que sejam alcançados os objetivos do vídeo. Mais do que a adequação de questões estéticas, o roteiro também define os objetivos do vídeo. O documentário “Desbravadores Oeste” utiliza, entre outros recursos visuais, a narração da apresentadora da RBS TV Chapecó, Lúcia Volcan, que apresentava, na época da pesquisa, diariamente o Jornal do Almoço Local. As narrativas da apresentadora dão credibilidade às informações veiculadas pelo vídeo, já que o público regional tem a emissora como um dos principais meios de informação da região.

Em entrevista, a apresentadora Lúcia Volcan falou sobre como se deu a escolha de sua participação no documentário. A resposta confirma a afirmação feita acima: “segundo o coordenador do telejornalismo da RBS TV, Gilmar Fochessato, a escolha se deu pela minha experiência profissional”.

Logo, na primeira participação da apresentadora no documentário, o texto previsto no roteiro afirma: “A partir de agora você irá conhecer a história dos **Desbravadores do Oeste**, pessoas humildes, **trabalhadoras**, que viram nas terras férteis da região **uma**

**nova oportunidade de vida**". Neste texto, já se tem uma base de quem o documentário considera "desbravador". O termo trabalhador está diretamente ligado com o imigrante europeu, principalmente o italiano, pois o ethos do trabalho é sinal diacrítico adotado por este grupo, que veio para o Oeste a partir da política de colonização e desenvolvimento almejada pelo governo brasileiro.

Na seqüência, quando o texto afirma "viram nas terras férteis da região uma nova oportunidade de vida", o vídeo nega a condição de índios e caboclos como desbravadores, pois se refere a pessoas que tentaram uma vida nova em outro lugar, no caso o Oeste. É preciso lembrar que índios e caboclos já viviam aqui, portanto eles não seriam classificados como desbravadores.

Ainda neste sentido, em outra participação da apresentadora, o texto afirma: "As dificuldades eram tantas, que os primeiros moradores, pela falta de infra-estrutura local e isolamento das colônias, ficaram sem ter o que comer". Neste momento o vídeo apresenta as dificuldades enfrentadas pelos imigrantes no deslocamento e chegada no oeste, todavia nega totalmente as dificuldades passadas por índios e caboclos no processo de disputa pela terra, já que as terras em que residiam foram vendidas aos imigrantes. De acordo com RENK (1999), as terras podiam ser compradas por caboclos, mas estes não tinham dinheiro suficiente para adquiri-las, uma vez que os valores incorporados por este grupo étnico em relação ao dinheiro e aos bens eram diferentes dos outros grupos étnicos que aqui chegaram.

Mais adiante, o texto da apresentadora se refere a pouca infra-estrutura da região para receber os imigrantes europeus, mas em momento algum se refere à estrutura que foi oferecida a caboclos e indígenas neste processo de expropriação de suas terras. As duas etnias que já residiam aqui tiveram que se deslocar de suas antigas residências quando as terras foram vendidas pela colonizadora para italianos e alemães. Restou aos caboclos trabalharem como peões dos imigrantes ou se dirigirem para áreas mais distantes e menos produtivas.

Aos índios também restou o afastamento das terras antes ocupadas e, posteriormente, a criação de duas aldeias, ainda hoje existentes: a Condá e Ximbanguê. As mudanças impostas aos índios fizeram com que tivessem que se adaptar ao convívio com os outros grupos étnicos; a venda do artesanato foi a alternativa encontrada por parte da população indígena que foi expulsa das suas terras. Como se vê, a falta de infra-estrutura não foi sentida apenas pelos imigrantes, mas a colonização foi impactante também para as populações que já moravam na região de Chapecó.

Falando-se do documentário em seu contexto total, pode-se dizer que, durante os primeiros minutos do vídeo, as contextualizações relacionadas as quatro etnias são mais imparciais, pois tenta-se falar de todos os grupos que compunham a região. Embora algumas falas remetam ao objetivo do vídeo de enaltecer a imagem dos desbravadores seguindo a visão da história oficial, como as descritas anteriormente, o audiovisual procura introduzir, sutilmente, a imagem dos desbravadores e da construção e desenvolvimento da região a partir do trabalho dos imigrantes.

Porém, no decorrer do vídeo, a produção do documentário passa a dar ênfase ao desenvolvimento regional, ao desbravamento do Oeste realizado principalmente pela etnia italiana que, não nega-se, trouxe resultados econômicos positivos. Todavia, ao passo que se dá visibilidade aos aspectos positivos da colonização através das colonizadoras, se apaga do documentário todo conflito gerado na sociedade com a chegada dos imigrantes. Nega-se os conflitos na medida em que os depoimentos apenas falam de como a política implementada pelo Estado foi positiva para colocar a região Oeste em patamares de desenvolvimento semelhantes com os de cidades mais antigas.

Há de se lembrar que eram consideradas desenvolvidas as cidades européias, pois estas populações eram consideradas civilizadas. Por outro lado, de acordo com esta visão evolucionista, a mata, a floresta, o modo de vida e a organização das sociedades indígenas eram sinônimos de atraso.

A política do estado brasileiro da época baseava-se na filosofia positivista nascida na França no século XIX, e que teve como principal nome August Comte. Os pensamentos positivistas eram voltados a conceitos de desenvolvimento, para tornar instável as relações de trabalho após as revoluções inglesa e francesa. No Brasil, o positivismo chega por volta de 1850, trazido principalmente por brasileiros que estudavam na França e que tiveram contato com a doutrina.

O positivismo ganhou força no Brasil e norteou os ideais republicanos que instauravam a República no país e foi a principal corrente de pensamento que influenciou a formação dos intelectuais militares. Os reflexos da doutrina no país tomaram grandes proporções, tanto que até mesmo nos dias atuais temos resquícios da doutrina adotada por volta de 1850. Uma das marcas no Brasil positivistas é a inscrição na bandeira nacional “Ordem e Progresso”, cuja expressão remete aos princípios chave da doutrina: uma sociedade civilizada deve estar baseada na ordem para alcançar o desenvolvimento, ou seja, o progresso.

Esta visão positivista também esteve presente na colonização do Oeste de Santa Catarina, bem como na adoção da política de imigração européia no país. Na visão do Positivismo, o imigrante europeu era por si só sinônimo de desenvolvimento e progresso, pois advinham de países civilizados (no caso a Europa) para desenvolver o país através do trabalho baseados na ordem social.

Há de se ter em vista que os estados sulinos foram colonizados bem depois da descoberta do país em 1500. As terras dos três estados foram consideradas perigosas, e a região que compõe o Oeste catarinense era conhecida, inclusive, logo após a chegada dos imigrantes europeus, como uma região de bandidos, de violadores da ordem a qual o governo defendia com alusões na própria bandeira do país. Conseqüentemente, índios e caboclos que residiam nas referidas terras e que não compartilhavam da visão positivista do governo eram considerados violadores da ordem que geraria o progresso.

Neste sentido, a visão dos colonizadores ia de encontro aos ideais positivistas do governo, mesmo porque o Estado do Rio Grande do Sul, de onde vieram a maior parte dos imigrantes europeus que posteriormente se dirigiram à Santa Catarina, foi o cenário de grandes personalidades positivistas, podendo ser destacado nomes como Júlio de Castilhos e Getúlio Vargas.

### **Os desbravadores: quem são?**

O documentário Desbravadores do Oeste se norteia pela história oficial da colonização de Chapecó e região. Segundo RENK (2003)

A História Oficial procura apresentar-se enquanto corpo coerente, "neutro", advogando-se a versão "oficial", em maiúsculo. Extirpa os sentimentos, as contradições, as adversidades e as diversidades, que poderiam trair o "caráter científico". Privilegia os "atos e fatos importantes", os fatos "heróicos", deixando de lado tudo que considera desimportante. E considera deseimportante tudo aquilo que diz respeito às pessoas comuns, de carne e osso, e aquilo que não tem registro. (RENK, p. 109)

O vídeo apresenta os europeus como os grandes desbravadores e, em especial o imigrante italiano. Isto já é percebido logo na primeira narração do documentário quando o texto afirma "Seu Plínio, dona Letícia, seu Tuca, dona Maria e muitos outros enfrentaram inúmeras dificuldades e venceram seus próprios limites. Juntos eles construíram o Oeste Catarinense, uma região disputada muito antes por nações e estados". Analisando texto e imagem que, de acordo com os preceitos do jornalismo, devem estar casados, ou seja, um deve complementar o outro para que os dois possam passar informações ao receptor, percebe-se que os nomes citados são exclusivamente de imigrantes europeus e as imagens são de pessoas de etnia italiana.

As pessoas citadas foram as fontes do documentário para relatar as experiências de vida do imigrante quando chegaram na região. Na entrevista, dona Maria Ceresoli Cella relata os motivos que trouxeram a família até o Oeste, do sofrimento da viagem até a chegada, das dificuldades da instalação, da abertura das estradas até então quase que inexistentes e da construção das casas. Sua fala confirma as duas primeiras afirmações feitas pelo documentário através da narração e da participação da apresentadora Lúcia Volcan. As dificuldades enfrentadas pela família de dona Maria se transformaram em virtudes dos “desbravadores” europeus, adotadas pelo vídeo e que são refletidas no sofrimento e nos sacrifícios relatados pela fonte.

Durante todo o vídeo, a representação indígena apareceu uma única vez, quando o cacique da aldeia Toldo Ximbanguê se refere ao índio Condá. Já os caboclos não são ouvidos e a única representação foi de Seu Sebastião que não teve seu sobrenome mencionado pelo vídeo. De acordo com o diretor, a fonte solicitou que fosse creditado apenas como “Seu Sebastião”. Todavia, a fala do entrevistado se refere aos trabalhos com a balsa, conseqüentemente, em nenhum momento há referência à situação da etnia cabocla na região realizada pelos depoimentos de representantes do grupo.

A versão da história desse grupo foi relatada apenas através de dramatização que conta a história do Oeste a partir de uma conversa entre um casal. Nessa dramatização, os caboclos são mencionados como participantes no conflito do Contestado, onde, de acordo com as narrativas do documentário, fala-se que a grande maioria foi extinta durante o conflito, dando a entender que foram poucos os representantes deste grupo no Oeste de Santa Catarina, devido ao massacre no Contestado. Há a possibilidade de silenciar o grupo sem que haja necessidade de permitir que um representante fale sobre a participação no processo histórico da região.

O silêncio da etnia cabocla é justificado na medida em que muitos foram mortos, possibilitando, assim, que o espaço que antes

era ocupado pelo grupo fosse legitimamente incorporado pela colonizadora e, posteriormente, vendido aos imigrantes europeus.

## **Coronel Ernesto Bertaso e o retrato de homem desbravador**

Quando se fala em desenvolvimento e colonização do Oeste, partindo da visão da história oficial, é impossível deixar de mencionar a figura de um dos homens mais ricos e, conseqüentemente, respeitado pela elite local: Coronel Ernesto Bertaso. Dono da empresa colonizadora que detinha as terras da região, Bertaso é considerado pela história oficial o grande símbolo de desenvolvimento, de pioneirismo e desbravadorismo. Para falar do coronel, a fonte utilizada pelo audiovisual em análise foi a neta, dona Maria Hirsh.

Ao referir-se ao avô, a entrevistada recorre a um trecho de um poema de Olavo Bilac, para descrever as contribuições de Bertaso para o desenvolvimento da região. Diz o texto: “Enquanto ia sonhando seu sonho altruísta, o teu pé, como de um deus, fecundava o deserto”. Neste texto, falado por dona Maria, ela refere-se ao avô como o homem que, através de seu trabalho e das terras “vendidas” pela colonizadora, proporcionou aos imigrantes e demais habitantes possibilidade de crescimento e melhores condições de vida. A atribuição de status de “divindade” ao avô remete ao condicionamento da história oficial às contribuições do coronel como promotor do desenvolvimento regional.

A intenção da utilização do poema para definir as características do avô foi um artifício que leva a crer que o Coronel Bertaso trouxe apenas benefícios à sociedade chapecoense. Ao contrário disto, a contra-história apresenta contradições, e são muitas as pessoas que relatam histórias conflituosas sobre a colonização e que não foi trabalhado no documentário. De acordo com RENK (2003, p.111), a contra-história “é construída por todos e todos os dias, nas pequenas e grande ações. (...) Ela é sempre plural. Abre espaços para as minorias, deixa entrar os sentimentos, não tem medo de apresentar-se prosaico, relatando as coisas comuns, matéria da qual todos somos feitos”.

Ressalta-se que, recorrer para os textos de Olavo Bilac, acaba por intensificar as contribuições de Ernesto Bertaso como um homem desbravador e seguidor das ideologias do Estado. Se lembrarmos a antologia do autor, percebe-se que Bilac seguia a escola parnasiana que teve origem em Paris, no ano de 1866. Entre as características do parnasianismo destacam-se “o gosto da descrição nítida (a mimese pela mimese), concepções tradicionalistas sobre metro, ritmo e rima; no fundo, o ideal da impessoalidade que partilhavam com os realistas do tempo.” (BOSI,1999, p.220). Segundo o mesmo autor, Bilac também assumiu uma característica cívica, participando inclusive de uma campanha em prol do serviço militar obrigatório. Lembra-se ainda que o escritor possuía influências positivistas e que escreveu os versos do hino da bandeira brasileira.

O poema “O caçador de esmeraldas”, citado por D. Maria Hirsh, refere-se ao bandeirante Fernão Dias Pais Leme, que ficou conhecido pelo mesmo nome do título do poema devido a sua participação na expedição das esmeraldas no Estado de Minas Gerais. Todavia, o nome de Fernão Dias Pais Leme foi reconhecido a partir da participação do bandeirante nas primeiras expedições nos chamados sertões dos estados do Rio Grande do Sul, Paraná e Santa Catarina.

Em “O caçador de Esmeraldas”, Bilac conta a trajetória do bandeirante em quatro estrofes. Nas duas primeiras o autor descreve um pouco da vida de Fernão Dias Pais Leme, retratando algumas das características que definem sua personalidade. Neste sentido, destaca-se o trecho abaixo:

“Despojos da ambição, cadáveres de naus...  
Outras vinham, na febre heróica da conquista!  
E quando, de entre os véus das neblinas, à vista  
Dos nautas fulgurava o teu verde sorriso,  
Os seus olhos, ó Pátria, enchiam-se de pranto:  
Era como se, erguendo a ponto do teu manto,  
Vissem, à beira d’água, abrir-se o Paraíso!  
Mais numerosa, mais audaz, de dia em dia,  
Engrossava a invasão. Como a enchente bravia,

Que sobre as terras, palmo a palmo, abre o lençol  
De água devastadora, - os brancos avançavam:  
E os teus filhos de bronze ante eles recuavam,  
Como a sombra recua ante a invasão do sol."

Nestes versos, o autor remete a forma como Fernão "desbravava" os sertões. Há de se lembrar que o referido bandeirante era famoso por apresar índios, ou seja, fazer com que estas populações se deslocassem para a passagem ou permanência das expedições. Esta característica do bandeirante é trabalhada no poema quando se afirma: "De água devastadora, - os brancos avançavam:/ E os teus filhos de bronze ante eles recuavam,/Como a sombra recua ante a invasão do sol." Pelas mesmas circunstâncias passaram índios e caboclos da região Oeste catarinense com a chegada das colonizadoras.

Ainda sobre os eventuais enfrentamentos do bandeirante com as populações indígenas, o poema faz referência na segunda estrofe. A forma como é apresentada remete à visão que Fernão Dias Pais Leme tinha das populações indígenas, da necessidade de dominá-las e, a partir da resistência das aldeias, dizimá-las através de guerras.

Agora, o áspero morro, os caminhos fragosos...  
Leve, de quando em quando, entre os troncos nodosos  
Passa um plúmeo cocar, como uma ave que voa...  
Uma flecha, subtil, silva e zarguncha... É a guerra!  
São os índios! Retumba o eco da bruta serra  
Ao tropel... E o estridor da batalha reboa.  
Depois, os ribeirões, nas levadas, transpondo  
As ribas, rebramando, e de estrondo em estrondo  
Inchando em macaréus o seio destruidor,  
E desenraizando os troncos seculares,  
No esto da aluvião estremecendo os ares,  
E indo torvos rolar nos vales com fragor...  
Sete anos! combatendo índios, febres, paludes,  
Feras, reptis, - contendo os sertanejos rudes,  
Dominando o furor da amotinada escolta...  
Sete anos!... E ei-lo de volta, enfim, com o seu tesouro!

Neste trecho ao afirmar “E desenraizando os troncos seculares”, o autor se refere ao modo como as populações indígenas acabaram sendo obrigadas a conviver com a cultura européia, ou, ainda, perder características culturais e até mesmo suas terras, devido às expedições dos bandeirantes. A perda dessas identidades acabaram por fazer com que os “troncos seculares”, ou seja, os indígenas, perdessem suas raízes, certos costumes devido à colonização e isto é descrito como uma vitória da expedição de Fernão.

Faz-se referência ainda aos “sertanejos rudes” que, da mesma forma que os índios, febres, paludes, feras e répteis, também foram combatidos em prol do desenvolvimento. Tanto os grupos indígenas, quanto os sertanejos são para os desbravadores, seja para Fernão ou para Bertaso, sinônimo de atraso, de primitivismo. Ao compará-los a febres e aos animais, se nega a condição de grupo étnico e se trabalha de modo a considerá-los inferiores, ou menos civilizados que os brancos (europeus), pois não compartilham da mesma visão “ambiciosa” de conquista a que se refere o poema nos dois primeiros versos citados.

A partir do momento em que a poesia começa a falar da agonia e morte do bandeirante, começam a aparecer trechos da obra que enaltecem ainda mais Fernão como herói. O título foi adquirido graças a suas conquistas em terras antes inexploradas, diante de visões capitalistas de mercado e em terras até então só habitadas por populações indígenas e sertanejas. A mesma versão de herói é atribuída a Ernesto Bertaso em Chapecó diante da perspectiva da história oficial. Com isso, pode-se dizer que a poesia citada e as referências ideológicas do bandeirante Fernão e do Coronel Bertaso têm características semelhantes diante das terras em que “desbravaram”.

Dentre as peculiaridades dos dois personagens históricos, está a desapropriação das terras dos antigos habitantes. Além disso, a negação de todo e qualquer sinal de conflito étnico. Embora o poema cite as guerras entre bandeirantes, indígenas e sertanejos, ele acaba

dando a visão de que estas populações eram um atraso para o desenvolvimento das regiões e o descobrimento das esmeraldas. A mesma visão tinham as colonizadoras no Oeste de Santa Catarina.

Ainda sobre as estrofes do poema de Olavo Bilac citado pela entrevistada, ressalta-se que o texto original sofreu alterações na fala de Dona Maria Hirsh e mudam o sentido da obra. O texto original afirma: “E enquanto ias, sonhando o teu sonho **egoísta**,/ Teu pé, como o de um deus, fecundava o deserto!”. Dona Maria Hirsh trocou a palavra egoísta do poema por altruísta que, conseqüentemente, altera totalmente o significado da citação.

Mesmo com uma alteração altamente significativa de termos, sem modificar a estrutura do texto, o poema por si só tem grandes características com a trajetória de Ernesto Bertaso. A povoação de regiões por populações com outros valores morais e sociais dos primeiros habitantes, a ideologia pelo progresso, pelo desenvolvimento, pelo poder e dinheiro são semelhanças que fazem de Bertaso e Fernão os heróis da história oficial da colonização das diferentes regiões brasileiras. Os últimos versos da estrofe que encerram “O caçador de esmeraldas” resumem as semelhanças a partir da visão da história oficial

E um dia, povoada a terra em que deitas,  
Quando, aos beijos do sol, sobraem as colheitas,  
Quando, aos beijos do amor, crescerem as famílias,  
Tu cantarás na voz dos sinos, nas charruas,  
No esto da multidão, no tumultuar das ruas,  
No clamor do trabalho e nos hinos da paz!  
E, subjugando o olvido, através das idades,  
Violador de sertões, plantador de cidades,  
Dentro do coração da Pátria viverás!

Tanto Fernão quanto Bertaso, jamais serão esquecidos pela história oficial. História esta que se encarrega de negar os conflitos, enaltecer conquistas à custa de populações menos favorecidas pela sociedade e pelo Estado da época. Depois de anos objetivando o desenvolvimento e implantando-o na região, mesmo à custa do

sofrimento e dominação de grupos indígenas e caboclos. Fernão e Bertaso são para a história oficial homens lendários e dignos de serem reconhecidos como heróis.

Não se pretende negar os benefícios que eles possam ter trazido às regiões, mas, infelizmente, ao consagrá-los como heróis históricos se esquece que muitas outras pessoas também merecem o mesmo título pela bravura com que defenderam as terras em que habitavam. No entanto, pelas condições econômicas menos favorecidas, possivelmente apenas “dormem esquecidas” no coração da Pátria.

### **As imagens falam tanto quanto o texto!**

Um jargão jornalístico, ainda mais presente nas produções fotográficas e audiovisuais, afirma que “uma imagem vale por mil palavras”. A frase causa polêmica entre muitos estudiosos, mas não se pretende neste trabalho avaliar qual o teor da afirmação, mas sim avaliar como as imagens e os cenários utilizados no documentário contribuem para narrar a história do Oeste.

Avalia-se de forma positiva todas as questões técnicas das filmagens: luz, enquadramento, cenário e outras. Porém, esta parte do trabalho detém-se a analisar como as imagens contribuíram no desenvolver do documentário a trazer mais realidade ao que se afirmava. E, neste sentido, as imagens de fato foram muito importantes para tornar o vídeo atrativo, além de firmar os objetivos do documentário.

Uma das observações refere-se às participações da apresentadora Lúcia Volcan, cujos locais durante suas participações sempre ajudam a relatar o que ela está falando. Ao afirmar “*A partir de agora você irá conhecer a história dos desbravadores do Oeste, **pessoas humildes, trabalhadoras, que viram nas terras férteis da região uma nova oportunidade de vida***”. Percebe-se que ao fundo estão pessoas que pelas roupas são identificadas como imigrantes. Tendo em vista a análise desta fala mencionada anteriormente, o texto casa perfeitamente com as imagens, já que, nas entrelinhas, o texto refere-se ao imigrante europeu.

Durante todas as participações da apresentadora se percebe que os locais escolhidos para gravar as passagens acabam contribuindo para repassar informações. Quando ela refere-se às balsas, está em frente a pilhas de madeira, ao referir-se à Colônia Militar, o fundo constitui-se de algumas casinhas ao longe, dando a impressão de início de colonização, uma vez que o texto afirma que naquele momento ainda não havia iniciado o processo de colonização através das empresas colonizadoras. Ao se referir das dificuldades enfrentadas pelos imigrantes no processo de colonização, percebe-se que ao fundo ocorre uma dramatização da vinda dos descendentes de europeus para as terras catarinenses. As pessoas estão passando atrás da apresentadora em uma mata bastante densa.

Em outra ocasião, a apresentadora está em uma estrada na qual passa uma carroça, que remete aos valores dos imigrantes europeus em relação ao trabalho. Nesta parte, o documentário aborda questões de desenvolvimento que ocorreram com a colonização, como por exemplo, a abertura das estradas que iniciou e facilitou o desenvolvimento econômico regional.

Quando o vídeo aborda a questão das balsas, a apresentadora fala das enchentes que eram tidas como uma bênção, neste momento, a passagem foi gravada em frente ao Rio Uruguai, um dos principais rios da região Oeste. Ao falar sobre o desenvolvimento e dos objetivos das colonizadoras, a passagem foi gravada em frente à Catedral de Chapecó, considerada pela história oficial um dos grandes símbolos da cidade, sendo, inclusive, um dos cartões-postais de Chapecó.

Além do casamento perfeito entre texto e imagem nas participações de Lúcia Volcan, percebe-se, também, que os locais escolhidos para as fontes darem seus depoimentos também ajudam a tecer a narrativa do documentário. Por exemplo, a neta de Coronel Ernesto Bertaso aparece em uma sala e, ao fundo, há a fotografia do avô. A foto apresenta Bertaso de forma "altruísta", de homem desbravador, passando a impressão de que ele foi quase que um

herói para o desenvolvimento da região. Convém destacar que esta é a visão da história oficial que também é repassada pelo documentário.

Quanto aos balseiros, aparecem tendo como fundo o rio Uruguai, as águas que por muito tempo foram o meio de sustento dos depoentes que fizeram parte deste momento da história da região, como por exemplo, Seu Sebastião. Quanto à participação de pessoas que viveram o processo de colonização, outro depoimento merece destaque quanto à escolha do lugar em que foi realizada a entrevista. Dona Letícia Roman está sentada próxima a um fogão a lenha e fala da união que existia entre as famílias imigrantes e sobre os costumes das famílias. Neste sentido, o fogão tem grande representatividade, já que as pessoas, segundo ela, jogavam baralho e preparavam alguns pratos para comer.

De um modo geral, todos os locais em que foram realizadas as entrevistas foram bem produzidos. As imagens realmente contribuíram para repassar informações que o vídeo se propunha a fazer. Além disto, elas firmaram e deram mais credibilidade às afirmações e aos temas que eram trabalhados pelo vídeo.

## **Questões de linguagem e estilo**

Tendo em vista que o documentário é um gênero essencialmente autoral, buscou-se realizar uma da entrevista com o diretor do documentário Desbravadores do Oeste, Nilton Silva, residente em Blumenau, concedida no dia 10 de maio, via telefone. Na tentativa de responder questões sobre produção, linguagem e discurso, a entrevista foi imprescindível para esclarecer alguns pontos percebidos durante a análise do vídeo.

A primeira delas nasce exatamente do título do documentário: “Desbravadores do Oeste”. Uso do termo desbravador causa divergência, principalmente na academia. Isso foi citado, inclusive, em entrevistas concedidas por professores da Unochapecó e que participaram do documentário. Percebeu-se, durante a análise do

vídeo, que o imigrante italiano mereceu maior espaço do que as demais etnias.

Segundo o produtor, ao fechar o contrato com a RBS TV, o nome do vídeo já havia sido definido, tendo ele que trabalhar a partir do tema escolhido. Conseqüentemente e, comprovando que o documentário é realmente um gênero autoral, o produtor e sua equipe contou a história do Oeste a partir da colonização da região. “Claro que cada diretor tem uma visão, uma linguagem da coisa, e..., que traça seu formato, seu perfil, de acordo com a pesquisa levantada, de acordo com a visão que ele tem da história. Eu mostrei a história de Chapecó da forma que eu a vi”, afirma Nilton.

Toda a produção foi baseada em documentos para que pudesse ser comprovado o que foi afirmado pelos entrevistados. Também por este motivo foi que a maior parte dos entrevistados é de Chapecó, já que, de acordo com o produtor, houve grande dificuldade durante a pesquisa devido à falta de livros e demais documentos. Ora, mas a história documentada de Chapecó relata a colonização a partir da história oficial que, como já vimos, está fortemente atrelada ao poder, a interesses econômicos e aos ideais positivistas de ordem e progresso. Entende-se, assim, a utilização de jornais locais como provas documentais. Conseqüentemente, se nega a contra-história, ou seja, a história de índios e caboclos, a história do conflito e da exclusão, já que esta não está documentada e, por este motivo, não foi ouvida pelo vídeo.

A história oficial está muito presente na história da região. O status social adquirido pelos imigrantes europeus no Oeste catarinense e o reconhecimento deles através do sobrenome é evidenciado no documentário “Desbravadores do Oeste”, que assume como verdade a história oficial, quando o presidente da Cooperativa Central Aurora, José Zeferino Pedrozo, fala do progresso que as agroindústrias trouxeram à região. No depoimento, ele cita nomes de vários empresários que vieram do Rio Grande do Sul e que foram responsáveis pelo crescimento econômico da região Oeste.

Neste sentido, o depoimento de José Zeferino Pedrozo reforça a idéia de que o imigrante italiano é o responsável por todo o desenvolvimento do Oeste, pois os nomes dos empresários citados são, em sua maioria, descendentes italianos. Se por um lado o documentário enaltece a figura italiana, por outro encobre descendentes de caboclos e índios.

Quanto aos caracteres, percebe-se ainda que a descrição da profissão das fontes acontece de forma aleatória, pois as pessoas mais simples não recebem identificação de função. Analisando sob o ponto de vista de Da Matta, quando decorre sobre a expressão “Você sabe com quem está falando?”, esta situação implica sempre uma separação radical e autoritária de duas posições sociais real ou teoricamente diferenciada.

A não padronização da atribuição de caracteres foi mencionada pelo produtor como uma característica de seus trabalhos. Segundo ele, no documentário Terras de Joinville, que também produziu e foi exibido pela emissora, através do mesmo projeto, utiliza-se o caractere migrante para todos os entrevistados que não são historiadores. Sobre o Desbravadores do Oeste, Nilton Silva comentou:

nós demos ênfase apenas à histriadores, né. Somente isto. Todos os outros eram tidos como migrantes. (...)Porque veja bem, eu vou botar uma senhora de 86 anos de idade como agricultora?! Dona de casa! Eu acho tão deselegante. É uma visão minha como diretor, né. Eu não gosto disso, parece que, enfim...foi muito mais uma visão da coisa minha.

Jornalisticamente, a diferenciação de fontes não é aceita, já que todas as fontes devem receber o mesmo tratamento, sem avaliação se tem profissão A ou B. Embora o diretor afirme ser uma questão de estilo, avalia-se, de acordo com a afirmação, que ser agricultor ou dona-de-casa é menos importante que ser historiador. O “Você sabe com quem está falando?”, trabalhado por DA MATTA (1990), é comprovado à medida que o documentário determina as

pessoas que podem ou que não devem receber créditos de acordo com a profissão que têm. Mas será que a Dona Maria, de 86 anos, tem vergonha de ser agricultora, de ser dona-de-casa? As pessoas devem ter todas a mesma formação, ou formação acadêmica, condições socioeconômicas favoráveis para serem merecedoras de créditos?

Neste sentido, de acordo com DA MATTA (1990), os entrevistados foram vistos como indivíduos e pessoas. Neste caso, se reconhece como indivíduo todos aqueles que não receberam descrição da profissão, já que representa uma condição de anonimato, que não conota honra e respeito. Por outro lado, todos os demais são pessoas, pois possuem prestígio e autoridade, seja por méritos acadêmicos, socioeconômicos ou poder.

### **Início e término - uma analogia**

Um conhecido ditado popular afirma que “os fins justificam os meios”. Mas, antes disso, eles também justificam os começos, pois a forma como se iniciam as coisas pode direcionar os encaminhamentos a partir dos objetivos traçados ao se começar. Essa pequena alteração no ditado popular pode justificar o documentário “Desbravadores do Oeste”.

Tomemos como objetos de análise para trabalharmos as frases que iniciam e encerram o vídeo. O texto de abertura, como já foi trabalhado anteriormente, afirma “A partir de agora você irá conhecer a história dos desbravadores do Oeste, pessoas humildes, trabalhadoras, que viram nas terras férteis da região uma nova oportunidade de vida”. Em contrapartida, diz o texto de encerramento, que faz referência a uma placa encontrada na praça central da cidade de Xanxerê - SC, “Veio, vim e venceu, suas metas se uniram a outros braços e outras mentes para a construção desta grande Pátria. Salve o colono. Salve o desbravador.”

Partindo do pressuposto que o vídeo trabalha na lógica da visão da história oficial, encontramos, tanto no início, quanto no fim do documentário as provas concretas de que o desbravador

oestino é o imigrante. A nova oportunidade de vida, de acordo com o documentário, foi buscada pelos imigrantes na região e que trabalharam para a construção do Oeste a partir da lógica positivista de desenvolvimento.

No documentário, tanto o fim, quanto o início justificam o meio do vídeo: com objetivos voltados a enaltecer a figura do imigrante, a ressaltar o sofrimento e angústias dos europeus e ignorando as angústias de outros povos, como índios e caboclos. O vídeo ainda destaca o desenvolvimento regional conquistado através do trabalho e nega os conflitos étnicos ocorridos durante o processo de colonização, pois menciona esporadicamente os desentendimentos entre os povos que vieram e que já estavam na região.

Neste sentido, os imigrantes eram sinônimos de “civilização” que fariam com que a região Sul do país se desenvolvesse na mesma intensidade que as regiões mais centrais do Brasil. Em contrapartida, índios e caboclos iam na contra-mão dos ideais positivistas.

De acordo com este contexto, a história oficial dá ao italiano status de “desbravador”, que se dirigiu à região, venceu desafios e gerou desenvolvimento a partir do trabalho. Ao longo dos anos, a visão de que o imigrante é o “desbravador” foi repassada às gerações através inclusive dos veículos de comunicação.

A partir da análise do documentário “Desbravadores do Oeste”, foi possível perceber que as concepções sobre a colonização da região ainda estão bastante atreladas à história oficial. O vídeo mantém presente a idéia de que o imigrante, em especial o italiano, é gerador de ordem, progresso e desenvolvimento construídos e mantidos a partir do trabalho.

O gênero documentário é autoral e de acordo com a entrevista realizada com o produtor Nilton Silva, é possível concluir que a abordagem adotada pelo documentário realmente mostra a visão do produtor. No entanto, destaca-se que o vídeo é um projeto de uma das emissoras com maior influência no Estado, a RBS TV e, conseqüentemente, tem influência pelas suas produções na construção do imaginário social da população.

Há de se lembrar ainda que as emissoras brasileiras estão constantemente atreladas ao poder econômico ou político. Fato que se justifica ao longo da construção da história e do modelo dos veículos de comunicação adotados no país que, embora sejam distribuídos através de concessões públicas, ainda se encontram, em sua maioria, em propriedade de políticos ou pessoas com alto poder aquisitivo, conseqüentemente também de persuasão.

A exibição de documentário na TV aberta, como realiza a RBS TV, acontece em pequena escala. No entanto, o gênero é altamente educativo, embora há de se ter o cuidado ao assisti-lo de que permeiam nas falas, nos textos, nas imagens, visões de mundo que não são as únicas, mas uma das possíveis.

Neste sentido, é imprescindível que nas demais edições do projeto Trajetórias em Cena, que continua a ser veiculada pela RBS TV, a emissora tenha o cuidado devido para que não se passe uma visão parcial de uma região. E, se este for o foco do vídeo, que deixe claro ao telespectador que outras narrativas, mas não menos importantes do que as repassadas, podem existir. Visões que constroem da mesma forma a história da sociedade regional nas diferentes partes do Estado e, em especial que outras visões e narrativas da história do Oeste existem e contradizem o “Desbravadores do Oeste”.

## Notas

<sup>1</sup> Jornalista formada pela Universidade Comunitária Regional de Chapecó - Unochapecó, Redatora Publicitária na T12. Marketing e Comunicação, pós-graduanda em Publicidade e Propaganda também na Unochapecó.

## Referências

**A Voz de Chapecó: artigos de Antonio Selistre de Campos – 1939 a 1952/** Centro de Memórias do Oeste de Santa Catarina(org.). Chapecó: Argos, 2004.

BALOGH, Anna Maria. **O discurso ficcional na TV: Sedução e sonho em doses homeopáticas**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2000.

BORDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro; Bertrand Brasil, 1989.

\_\_\_\_\_. **Sobre a televisão: A influência do Jornalismo/Os Jogos Olímpicos**. Rio de Janeiro; Jorge Zahar, 1997.

CUCHE, Denys. **A noção de cultura nas ciências sociais**. Tradução de Viviane Ribeiro. Bauru: EDUSC, 1999.

CUNHA, Wilson. **Biblioteca, Educação é cultura: Cinema**. Rio de Janeiro: Bloch: FENAME, 1980.

DA MATTA, Roberto. **Carnavais, malandros e heróis: para uma sociologia do dilema brasileiro**. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

FIORI, Neide Almeida. **Etnia e educação: a escola "alemã" do Brasil e os estudos congêneres**. Florianópolis: Editora Unisul, 2003.

FORTES, Adílio. **A porto-história do município de Chapecó, Oeste de Santa Catarina: 1641 a 24-08-1917**. São Paulo: Carthago, 1990.

FOUCALT, Michael. **A arqueologia do saber**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1997.

\_\_\_\_\_. **A ordem do discurso: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970**. São Paulo: Loyola, 2001.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 1991.

GREGOLIN, Maíra; SACRINI, Marcelo; TOMBA, Rodrigo Augusto. **Web- documentário - Uma ferramenta pedagógica para o mundo contemporâneo**. Projeto experimental desenvolvido sob a orientação do professor Celso Bodstein para obtenção do título de graduação

do curso de Comunicação Social - Jornalismo da PUC- Campinas 2002. Acessado em [http://www.bocc.ubi.pt/pag/\\_texto.php3?html2=tomba-rodrigo-web-documentario.html](http://www.bocc.ubi.pt/pag/_texto.php3?html2=tomba-rodrigo-web-documentario.html) em 21 de outubro de 2004.

XXIV CONGRESSO BRASILEIRO DA COMUNICAÇÃO. DE MELO, Cristina TeixeiraV; MELLO GOMES, Isaltina; MORAIS, Wilma. **O documentário jornalístico, gênero essencialmente autoral**. 2001.

JUNQUEIRA, Carmen. **Antropologia Indígena**. São Paulo: Educ, 1999.

KAPLAN, Sheila. REZENDE, Sidney. **Jornalismo eletrônico ao vivo**. Petrópolis: Vozes, 1994.

KRINDGES, Nanci Laufer. **Experiências e relações sociais(uma análise do cotidiano de homens e mulheres em Cunha Porã/SC 1930-1945)**. 1999.124 f. (TCC Licenciatura em História)-Universidade Comunitária regional de Chapecó, Chapecó, 1999.

LACERDA, Carlos. **Amissão da imprensa**. São Paulo: Com-Arte:EDUSP,1990.

LANDO, Aldair Marli, DACANAL, José H., GONZAGA, Sergius. **RS: Imigração & Colonização**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1980.

LISBOA, Teresa Kleba. **Gênero, classe e etnias: trajetórias de vidas de mulheres migrantes**. Chapecó: Editora Argos, 2003.

LUSTOSA, Ellias. **O texto da notícia**. Brasília: Editora UNB, 1996.

MARCON, Telmo. **Memória, história e cultura**. Chapecó: Editora Argos,2003.

**Para uma história do oeste catarinense: 10 anos de Ceom. Centro de Memórias do Oeste de Santa Catarina**. (org.) Chapecó: Unoesc,1995.

NOVAES, Adauto. **Rede imaginária: televisão e democracia**. São Paulo: Cia das Letras, 2001.

RADIN, José Carlos. **Italianos e ítalo-brasileiros na colonização do oeste catarinense**. Joaçaba, Unoesc, 1996.

RENK, Arlene. **Narrativas da diferença**. Chapecó: Editora Argos, 2004.

\_\_\_\_\_. **Migrações: de ordem e de hoje**. Chapecó: Grifos, 1999.

\_\_\_\_\_. Etnicidade e itinerários de grupos étnicos no Sul do Brasil. **Grifos**, Chapecó, v.1, n. 06, p. 93-107, 1999.

\_\_\_\_\_. **Dicionário nada convencional: sobre a exclusão no Oeste Catarinense**. Chapecó: Grifos, 1997.

REZENDE, Guilherme Jorge. **Telejornalismo no Brasil: um perfil editorial**. São Paulo: Summus, 2000.

RIBEIRO, Jorge Cláudio. **Sempre alerta**. São Paulo: Brasiliense, 1994.

SIVIERO, Ivone Bigolin. **Reatando o elo com a Itália**. Chapecó: Argos, 2004.

WEBER, Maria Helena. **Comunicação e espetáculos da política**. Porto Alegre: Ed. Universidade UFRJ, 2000.

WERLANG, Alceu. **A colonização do oeste catarinense**. Chapecó: Argos, 2002.

## **Abstract**

The narratives of the same fact or history happen in different forms. The approach will depend on the angle where it was witnessed determining the same event or on the ideologies and lines of thought that it is reported or history is registered. The resultant media and products of it have active participation in the dissemination of the information and are an important way of historical register. The present work has the objective to analyze as a set of documents "Taming of the West", propagated on RBS TV, verifying what the chosen narratives inform about the settling in Chapecó. The study will investigate the "tamers of the west" in this authorial vision. The article resulted from an undergraduate study in the area of Journalism at Unochapecó, supervised by the professor Adiles Savoldi.

**Keywords:** set of documents; ethnicity; west of Santa Catarina; narratives.